

Movimento Médico Paulista do Cafezinho Literário

Guido Arturo Palomba



Toma corpo o Movimento Médico Paulista do Cafezinho Literário, MMCL, fundado em 05 de maio de 2005, pelo ilustre médico William Moffitt Harris, campineiro de alto gabarito. São reuniões socioliterárias em agradáveis restaurantes, com várias pessoas, que, ao entrarem no local, “deixam nos cabides seus títulos e honrarias”. Há médicos, músicos, juízes de direito, advogados, industriais, ou melhor, simplesmente pessoas que querem apenas conversar, degustar um prato ou tomar um cafezinho em boa e variada companhia. William é um grande incentivador e organizador dessa excelente idéia que está sendo implantada em várias cidades de São Paulo. As

próximas, programadas para o mês de agosto, serão em Santos, Diadema, São Caetano do Sul, Botucatu. São reuniões dinâmicas, concorridas; depois, edita-se um boletim eletrônico. Faz lembrar a Pensão Jundiá, dos queridos Mariazinha Congilio e Geraldo de Camargo Vidigal, e de seus freqüentadores (“donos de moringa”), Nalini, Cicarelli, Mario Albanese, Rua, João Carlos Martins, Carmem, Vanzolini, Duílio Crispim Farina e tantos outros “hóspedes”.

Parabéns, William Harris, pela excelente iniciativa, extensivos à ilustre coordenadora adjunta Alitta Guimarães Costa Reis.

Meu Cinema

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Ao Clovis Martins

O Morro dos Ventos Uivantes ainda é maravilhoso (1939), comentei meu amigo ao revê-lo na TV. Essa ficção de Emily Brontë, de 1847, pouco antes da sua morte aos 30 anos de idade, é mais notável porque, vivendo quase reclusa, a autora teve inspiração para escrever sobre o amor transcendental à vida. William Wyler, diretor, Lawrence Olivier e Merle Oberon, intérpretes insuperáveis da versão cinematográfica, em magnífico branco e preto, fizeram jus ao livro. Nesse momento, resolvi buscar memórias do “meu” cinema.

Tudo começou nos fins dos anos 20 quando ganhei um projetor Pathé Baby e alguns filmes, *A Voz do Rouxinol*, e *Carlitos Jogador de Golfe*, entre outros. Agora eles me fariam bem, conquanto seja eu a derradeira pessoa para se enternecer por isso — o momento de saudade é um momento solitário.

Hoje em dia, durante horas os “meus” filmes se desenrolam em minha mente: horas de cinema imiscuem-se na minha realidade — são horas da vida — e fico feliz como se voltasse no tempo afastando o “nunca mais” que maltrata o coração da gente.

Remotas lembranças provêm de anúncios do Cine Avenida Palácio, Curitiba: *O Mundo às Avessas*, *Asas* (1927), e *Alvorada do Amor* (1929).

Depois, o interesse pelo faroeste foi regra. Tom Mix, Buck Jones, Ken Maynard, Hoot Gibson, cujas cotações eram proporcionais à quantidade de brigas (chapêlões firmes nas cabeças dos contendores!) e cavalgadas incansáveis. Matinê dominical, aguardada com ansiedade, demorava a chegar (atualmente o tempo corre muito mais rápido).

Em fins da década de 1930, *O Último dos Moicanos*, *Robin Hood*, *Capitão Blood*, *Pimpinela Escarlata*, *Tarzan* (Johnny Weissmuller), e seriados, como *Flash Gordon* (12 sessões Zig-Zag do cine Pedro II) baseado na história em quadrinhos de Alex Raymond (o H. G. Wells do desenho), eram a alegria dos adolescentes.

Insensivelmente, fitas policiais, românticas, de aventura e as comédias foram exercendo maior interesse, enquanto a infância ia ficando para trás.

Absorto no passado, vejo a nossa “cinelândia” e as suas mais importantes salas, do Metrô ao Bandeirantes, via Barão de Itapetininga onde, em fins de semana ou feriados, passeantes congestionavam as calçadas, máxime perto das filas (de dar volta no quarteirão!), ansiosos pelo cartaz da semana, mas todos se mostravam contentes. Cinema e “footing” se completavam com lanche nas confeitarias chiques para os endinheirados, os demais com as sorveterias ou o cachorro-quente e chope no bar do “alemão”. A simplicidade na maneira de se divertir proporcionava o prazer do dia e poderia ser uma via para o casamento... Foi por lá que vi os bons filmes dos bons tempos, e talvez consiga relacionar um por um deles à sala em que foram assistidos.

Sempre houve e haverá época para os dramas sentimentais. Assim, existiram as chamadas sessões das moças, do Alhambra ao

Paramount, dos dramas lacrimosos (dramalhões), mas que apenas imitam a vida, como os ótimos: *A Esquina do Pecado* (1932) de John M. Stahl, e *Duas Vidas* (1939) de Leo MacCarey. No mesmo gênero, já na cinelândia — *Em cada Coração um Pecado* (1942) de Sam Wood, com Ronald Reagan em emocionante papel.

À beira-mar dois dramas românticos: *Verão de 42* (1971) de Robert Mulligan — o alvorecer de um paixão sem porvir; *Baleias de Agosto* (1987) de Lindsay Anderson — o crepúsculo da vida de duas irmãs (Lillian Gish aos 93 anos de idade!). À beira-mar até a tristeza pode ser bela!

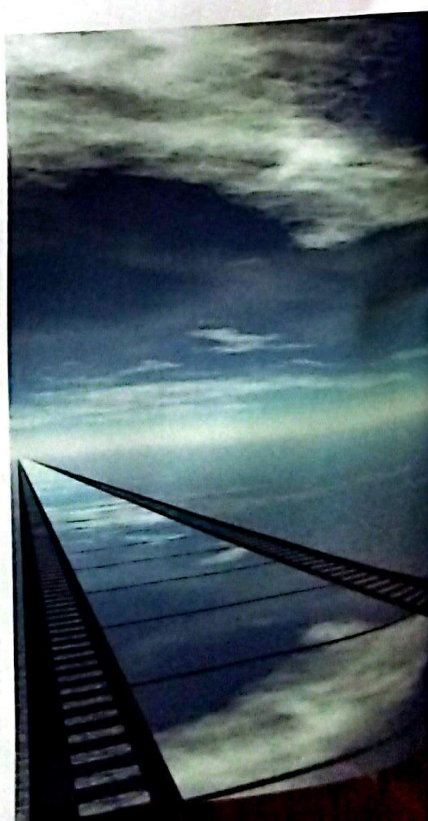
Do prisma de arrebatamento amoroso — *Esposamante* (1977) dirigido por Marco Vicario, perfeito e inconcebível sem Marcello Mastroianni e Laura Antonelli. Dá para entender o que é paixão.

Comédias sem sofisticação procediam do tempo do cinema mudo — gestos, movimentos, situações embaraçosas e personagens caindo no ridículo. Carlitos esplêndido nas curtas-metragens e genial em *Luzes da Cidade* (1931) da memorável cena com o ramallete e a florista cega; Harold Lloyd em *Feet First* (1930, de Clyde Bruckman) nas subidas e descidas pelos arranha-céus desencadeadoras de boas gargalhadas; os Irmãos Marx em confusões, e trocadilhos de Groucho, como em *Um dia nas Corridas* (1937), sucesso; e o Gordo e o Magro, meus campeões do riso, em *Entrega do Piano* (1932).

Comédias românticas de Frank Capra, não obstante o seu ufanismo, sempre empolgam: *Aconteceu naquela noite* (1934) com Clark Gable e Claudette Colbert, e *Do Mundo Nada se Leva* (1938) com Jean Arthur, James Stewart e Lionel Barrymore. Edward Arnold valoriza-os.

Os europeus Ernst Lubistch e Billy Wilder enriqueceram o contingente das boas comédias. O primeiro pela versão da opereta *A Viúva Alegre* (1934), com a maravilhosa Jeanette McDonald e Maurice Chevalier, filme que mais tenho revisto. Do segundo, *Sabrina* (1954) e *O Pecado Mora ao Lado* (1955) com Marilyn Monroe (nunca haveria interpretação como a dela), superlativos. O gênio de Wilder também realizou *Testemunha de Acusação* (1957), o de maior suspense.

Histórias sobrenaturais conseguiram se tornar comédias das mais finas: *Que espere o Céu* de Alexander Hall (1945), com Robert Montgomery em situações



impagáveis; *A mulher do Bispo* (1947), de Henry Koster, com Cary Grant, Loretta Young e David Niven — sobriedade e humor realçam os valores da vida.

Finura francesa típica — Maurice Chevalier em *O Silêncio é de Ouro* (1947), cujo diretor René Clair supera-se em *As Grandes Manobras* (1955) com Michèle Morgan e Gérard Philipe — a beleza dela e o desempenho de ambos são inesquecíveis.

O cômico circunspecto dos ingleses com Alec Guinness em *Quinteto da Morte* (1955) — verdadeiro “humor negro” —, é caracterizado por Peter Sellers, caricato com seu sorriso contido em *Um Convidado bem Trapalhão* (1968)

Costumes grotescos regionais, hilariantes, são explorados nas películas italianas dirigidas por Mario Monicelli, em especial com os participantes do seu “quinteto irreverente”; e por Pietro Germi talvez mais perspicaz em *Divorcio à Italiana* (1961) e *Alfredo, Alfredo* (1972). E nem preciso falar de *Amarcord* (1973) do mestre Fellini.

John Ford campeão dos faroestes com John Wayne em *No Tempo das Diligências* (1934) e *Rastros de Ódio* (1956); ou Henry Fonda convincente em *My Darling Clementine* (1946). Porém, *Depois do Vendaval* (1951), sua obra-prima, foi filmada na Irlanda, ainda com John Wayne e seus coadjuvantes prediletos — Victor MacLaglen e Ward Bond — além de Barry Fitzgerald (que saudade das suas personificações, que bom poder citá-los!).

Filme de terror é só uma sugestão passageira? Concordaria não fosse o susto que levei durante a exibição de *A Ilha dos Mortos* (1945) de Mark Robson — na negritude da gruta: súbito um grito lancinante partira do caixão aberto por Boris Karloff, e o sobressalto apoderou-se dos meus sentidos perdurando durante o retorno pela rua deserta — era meia noite!

Ao ver *Hiroshima meu Amor* de Alain Resnais (1959) — ficção e realidade — conscientizei-me daquela barbaridade atômica muito mais do que fizeram os outros meios de comunicação. Fere a alma.

Com efeito, evito filmes de guerra, pois tudo faz crer que o homem é de fato um ser beligerante. Generaliza-se esta assertiva? É horrível aceitar a sua confirmação.

Todavia, muitos enredos de peripécias guerreiras passam por um simples divertimento — *Beau Geste* (1939) e *Gunga Din* (1939) — são tidos como clássicos do cinema de aventura.

Ademais, críticas à beligerância motivaram preciosidades: *A Grande Ilusão* (1937), de Jean

Renoir, com Jean Gabin, Pierre Fresnay e Erich von Stroheim, apologia de que na guerra todos são vítimas; *Os Melhores Anos de Nossas Vidas* (1946), de William Wyler, com Fredric March, Tereza Wright e Dana Andrews, na penosa volta à vida civil; e *Glória Feita de Sangue* (1963) de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas e Adolph Menjou, contundente até o final — uma jovem alemã é obrigada a cantar para os soldados inimigos embriagados.

* * *

O cinema motivou boas ilusões que integram outras boas ilusões da minha vivência — durante os anos 40 consistiu diversão única. Recordo tudo e sinto falta dos meus cinemas, dos bondes que me conduziam a eles, dos fins das tardes vagando pela ruas do centro e do meu bairro. A nossa “cinelândia” acabou como acaba a maior parte das nossas tradições. No entanto, a Broadway de Nova-Iorque continua atraindo milhares de espectadores e produzindo empregos...

Novas salas instaladas nos shoppings até agora não me entusiasmaram. “Mudei eu?” (Machado de Assis)

Mudei, pelo menos na escolha do “meu novo cinema” — o vídeo em tela pequena onde revejo produções antigas como: *O Anjo Azul* (1930) de Joseph von Sternberg, com Marlene Dietrich, mito desde jovem, e Emil Jannings, sublime tanto quanto em *A Última Gargalhada* (1924) de F. W. Murnau; *Les Enfants du Paradis* — *Le Boulevard du Crime* (1945), de Marcel Carné e roteiro de Jacques Prévert, com Jean-Louis Barrault, Arletty e Pierre Brasseur, monumento.

Mas não sou um saudosista ortodoxo, pois pude apreciar muitos filmes mais modernos: *Os Intocáveis* (1987) de Brian de Palma, com Kevin Costner, Sean Connery e Robert de Niro, e *O Poderoso Chefão* (1972) de Francis Ford Coppola, com Marlon Brando, o máximo sobre gangsteres; *A Pequena Loja da Rua Principal* (1965) de Ján Kadár e Elmar Klos, tcheco-eslovacos, a última cena é simplesmente patética; ou novos feitos de comédias românticas cujos finais valeriam por tudo, se tudo nelas não fosse excelente — *Feitiço da Lua* (1987) de Norman Jewison com Cher e Nicolas Cage, e *Melhor é Impossível* (1998) de James L. Brooks, com Helen Hunt, Jack Nicholson e Greg Kinnear.

Circulo vicioso: ligo o vídeo (vem-me uma fugaz visão do meu velho cineminha Pathé Baby...), vou tentando ver outra vez “os meus grandes filmes”, uns ainda ótimos, outros decepcionam (disfarço um sorriso amargo). Mas nem sempre tenho élan para revê-los. Falta-me algo...

Dia virá em que um neto reclame: “meu” cinema foi muito melhor, fitas excelentes, interpretações magníficas, sons espetaculares, fotografias surpreendentes; durante as sessões era permitido tomar refrigerante, comer pipoca, e namorar até um certo ponto... Mas faltar-lhe-á algo...

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul
Professor de Medicina



Vacina contra a AIDS, ainda distante

Nelson Guimarães Proença

No dia 28 de junho último o Dr. Robert Gallo, conhecido e conceituado pesquisador norte-americano que se dedica em tempo integral à investigação científica relacionada à AIDS, participou de um Congresso médico realizado em Frankfurt, Alemanha. Perguntado sobre o andamento das pesquisas que poderão levar à produção de uma vacina contra o vírus, fez uma afirmação categórica: —“Ainda irá demorar muito”. A resposta decepcionou não apenas os participantes do Congresso. Divulgada a notícia pelas agências noticiosas, causou frustração em toda parte, a todos os que se dedicam ao combate à doença.

Gallo e Montagnier, respectivamente nos Estados Unidos e na França, há mais de 30 anos se dedicam às pesquisas sobre AIDS, com vocação quase sacerdotal, buscando caminhos para o enfrentamento do agente causador, o HIV (*Human Immunodeficiency Virus*). Retornando no tempo, vamos recordar que os primeiros casos de AIDS ocorreram em homossexuais, nos Estados Unidos (em São Francisco e Nova Iorque), a partir de 1979, sendo oficialmente comunicados em 1981. Estes são os dois anos de referência que deram início à terrível epidemia, depois espalhada para todo o mundo.

Pois bem, já a partir de 1985, Gallo e Montagnier, cada qual por seu lado, estavam então empenhados na produção da vacina e anunciavam para logo sua chegada. Lamentavelmente, todas as tentativas feitas durante estas duas décadas não tiveram êxito. As poderosas multinacionais da indústria farmacêutica investiram bilhões de dólares em laboratórios de pesquisas, entrevendo lucros incalculáveis a quem chegasse primeiro a produzir a vacina anti-HIV. Tudo em vão. Todo o dinheiro escoou pelo ralo das experiências malsucedidas.

Tendo o tema voltado agora ao noticiário, em razão do que foi afirmado por Robert Gallo, julgo oportuno lembrar um episódio relacionado ao assunto, do qual participei e que data de 1985. Naquele ano, eu presidia a Associação Médica Brasileira e entendi que, tendo a AIDS chegado ao Brasil de modo avassalador, era importante conhecer e divulgar as características da nova epidemia. Com esse intuito, a entidade patrocinou aquele que provavelmente foi o primeiro seminário significativo realizado no Brasil, o qual teve razoável repercussão no meio médico e na imprensa.

Não pretendo detalhar como transcorreu o seminário. Quero apenas destacar o que foi dito por um dos participantes, o professor Nelson Figueiredo Mendes, importante especialista

na área de pesquisa imunológica. Questionado sobre a possibilidade de se produzir para logo uma vacina contra o vírus, afirmou categoricamente que ela não viria, nem em cinco e nem em dez ou mais anos. Como só se falava, então, na proximidade de obtenção da vacina, a opinião convicta do professor causou perplexidade entre os presentes e protestos discordantes.

Nelson Mendes explicou melhor sua afirmação, de maneira simples e carregada de lógica. Perguntou a todos: —“Quais são as doenças para as quais já foram produzidas vacinas eficazes?” E ele mesmo respondeu: —“Somente para aquelas doenças em que há possibilidade de cura espontânea, como resultado da tempestade imunológica desencadeada pelo agente agressor”. Continuando em sua explicação, lembrou que a estratégia da produção de vacinas é atenuar a agressividade do agente causador, introduzindo-o no organismo humano e produzindo uma resposta imune igual a que a própria doença teria provocado. Completando seu raciocínio, Nelson Mendes lembrou: —“Até hoje não assistimos à cura espontânea em pacientes com AIDS e, portanto, não se deve esperar que o organismo reaja diante da vacina de uma maneira que não consegue fazer diante do HIV”.

Desde aquele distante ano de 1985 a pesquisa em busca da vacina para a AIDS não se deteve um só instante. E, como já dissemos, ela só tem trazido decepções. São muitas as razões oferecidas para justificar esse fracasso e não pretendemos aqui alinhar tais razões. Nosso intuito foi procurar compreender o sentimento de resignação desse incansável batalhador, o Dr. Gallo. E, também, para destacar o sentido profético das palavras de Nelson Figueiredo Mendes, pronunciadas há mais de 20 anos, e que na época eram contrárias a tudo o que se esperava.



Nelson Guimarães Proença

Professor de Dermatologia, Ex-Presidente da Associação Médica Brasileira e da Associação Paulista de Medicina

Luiz Venere Décourt

Thales de Brito e Vicente Amato Neto

O Professor-paradigma morreu. Esse inexorável acontecimento tem o efeito imediato de ficarmos privados da presença marcante de amigo, médico e professor universitário exemplar. Agora, para compensar, começou a saudade que crescerá e manterá o afeto sempre dedicado ao querido mestre. Paralelamente, impõe-se salientar as virtudes que ele mostrou e as influências que beneficiaram a profissão e o ensino: intransigente respeito à ética, competência como didata, pesquisador minucioso e produtivo, responsabilidade na formação de grande número de discípulos, compostura moral irretocável, amor profundo à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, participação no prestígio do Hospital das Clínicas e do Instituto do Coração, do qual foi um dos fundadores, tendo cooperado para implantar objetivos relevantes. Aí estão alguns exemplos, em contexto, que tem outro contingente digno de menção, ou seja, a Cardiologia no Brasil e com certeza também na América Latina, a qual passou por duas etapas: antes e depois do Professor Décourt.

O Instituto do Coração de São Paulo exige manifestação particular. Os Professores Luiz Venere Décourt, Euryclides de Jesus Zerbini e Fulvio Pileggi idealizaram-no e concretizaram um sonho, entre outros. Contaram com excelente apoio advindo do economista e ministro, Antonio Delfim Netto. Ditaram princípios felizmente muito bem-sucedidos. Agora, sem a tutela profissional e universitária deles, sucedem inadequações na instituição obrigatoriamente debeláveis, pelo menos para não macular a intenção dos fundadores.

A fervorosa e reiterada doutrinação do Professor para haver respeito à ética e ao humanismo em Medicina, nos seus diversos aspectos, teve igualmente destaque. Publicações, palestras e apelos documentaram essa magnífica postura. Hoje, com decepção, percebemos não raros e até mesmo crescentes deslizes ou descasos concernentes a essas necessidades indiscutíveis.

O Professor acumulou múltiplas virtudes e qualidades pessoais. É difícil suceder isso em uma única pessoa. Além

disso, foi católico praticante das normas postuladas pela religião e seguidor de todas as ações ditadas por ela. E seguindo estilo comportamental multiforme no sentido de ser prestimoso, estimulando a adoção de atitudes corretas, como também benéficas, constantemente difundiu as premissas do cristianismo. Não sabemos, corretamente, se contribuiu para a concretização de milagres; no entanto, figura como santidade no âmbito da Medicina.

A turma de médicos diplomados em 1951 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo teve como paraninfo o Professor Décourt. Tal fato corresponde a uma benesse memorável e imensamente significativa, que influenciou para que os afilhados de tão insigne padrinho exercessem a Medicina sempre com base na inspiração dos virtuosos ensinamentos que ele propiciou.

Não podemos deixar de registrar emoções pessoais. Como ex-alunos, médicos e docentes da Faculdade recebemos, em diferentes circunstâncias, honrosas manifestações de confiança por parte de tão sublime personalidade.

Na verdade, o Professor continuará conosco e com futuras gerações não só no âmbito da Medicina. O que ele significa estimulará o culto a boas condutas e a valorização do exercício profissional coerente com humanismo. A propósito das atividades universitárias, constituirá modelo a seguir, que não permite impropriedades e requer cumprimento de suas excelsas finalidades.

Thales de Brito e Vicente Amato Neto
Médicos e professores universitários

Biografia de Joana Milnomes

Arary da Cruz Tiriba



Como responderia, leitor, à pergunta: qual a atividade humana considerada de última escolha? Apanha de caranguejo no lodo? Garimpagem na Serra Pelada? Trabalho no esgoto?... Ao autor nenhuma atividade humana chocou tanto quanto à da Sr^a Milnomes. Mas se o leitor for cheio de titica, se não tiver estômago forte, não prossiga, vire... vire a página já!

Com a pá e o carrinho de pedreiro, fazia a coleta — por quintais e terrenos — do estrume de cavalo, vaca, galinha, porco, pato, coelho... tudo que fosse da bicharada; mercadoria que venderia como adubo. No tugúrio da negra, da gorda Joana Estercorária, ela depositava o monturo do guano onde morava, onde respirava a vida. Não, não existia fossa no casebre de Joana Excremento e do par-

ceiro. Se o mau tempo não permitia — atrás da bananeira —, fazer o quê? Da alimária e do casal, acumulavam-se as matérias orgânicas, em meio às moscas-varejeiras! Joana Prima Ballerina caminhava na ponta dos pés, evitando pisar 'plantarmente' o tablado exíguo, para não perturbar o balé contorcionista das larvas plenas de vitalidade. Ainda assim, Joana Helminto não deixava de esmagar um ou outro dos leitosos, frenéticos, viscosos vermes! Quando isso acontecia, Joana Maestrina careteava no passo a passo staccato. Repugnância?! Claro que sentia nojo! Porém, Joana Conformidade jamais se deixava tomar pela revolta. Era a atriz do ato coreográfico que encenava no dia-a-dia... No sereno penetrante do inverno, a fermentação dos dejetos aquecia à maneira do condicionador de temperatura — pseudoconforto —, exclusividade de Joana Bos• que os demais excluídos não possuíam. À descida das trevas, cintilavam os excretos: luminescência! Luzes! Archotes! Em seu palco faiscante, o espetáculo feérico para Joana Estrela! O firmamento em festa aterrissara, rebrilhando no barraco, até que, no delírio da cachaça, o recorrente, o atroador roncar-soprar-estrebuchar de Joana Borracho apagassem todas as tochas.

O dia da estação chuvosa surpreendeu-a com febre. Na enxerga, pedaços de plástico protegiam-na [?!] dos pingos grossos da chuvarada que castigava o teto [de buracos]. Entre suores e arrepios, o impermeável só fazia embaçar. E abafar.

Joana Sepse adentrou a enfermaria. Quase no paraíso! Tratada como gente! Banhada, perdeu muito do cheiro da palha de gaiola [de roedor]. Passei a manhã junto ao leito de Joana Excremento, procedendo ao interrogatório e ao exame físico. O tempo voou, tão bem nos comunicamos. Joana Afável irradiava alegria por ser 'entrevistada' em sua bizarra narrativa. Além da febre, Joana Flava, trocara o branco do olho pelo amarelo da gema do ovo. Desejei desvendar a causa das tonsuras em sua carapinha. Joana Tinhosa respondeu:

— Sabe, dotô, à noite drumu, i sônhu. Sônhu qui us ratu que passeia nu barraco istão arrancano mêos cabêlu. Intonce, acródu, i istão mêmô! Arrancano mêos cabêlu pra fazê ninhu... pra faze ninhu dotô!!!

— Certamente foste mordida, Joana, quantas vezes?

— 'Magina, nunca, dotô, nunca!

— E teu companheiro?

— Ih! já perdêo da conta, casi sempri nus pé!...

— Ele... era negro? era branco?

— Ispanhór, branco, dotô [recebera do ibérico parceiro, do branco para a negra, confortador estímulo: "muere aquietada, mujer, yo te sepulto en tu mierda"]].

Por três vezes, Joana Árida estivera prenhe. Nenhuma vingou. Como acontece com a 'febre ondulante' — a da vaca, a da cabra, a da porca —, mas transferira a proliferação à ratazana.

Raiava a segunda manhã, acorri ao leito de Joana Murina. Enfatizada. Camisolão branco. Mas, outra vez, Joana Serena alojada em contêiner! Agora para defunto, aguardando o coche especial. Deixara-me. Sem completar suas narrativas, suas outras histórias, quantas!... Desviei o olhar para o céu [contemplação-oração]. Fundo azul desmaiado... promessa do dia sem chuvas; céu sem goteira para Milnômes. Nuvens multicores — vestais do sol nascente —, navegavam preguiçosas no oceano célio. Pálpebras semi-abertas, boca sorridente, Joana Extática, deslumbrada, contemplava, o domicílio transcendental na linha do horizonte! No topo do planalto paulistano — endereço do complexo hospitalar —, intuí: o bonito alvorecer... a homenagem que o Criador proporcionava àquela ambientalista radical, à pastora de um rebanho [rataria] singular.

A passadeira de esterco, patrimônio único de Joana Plebéica, transformara-se em tapete de pérolas fosforescentes. O carrinho-de-mão esparzindo fragrância, circundado por pirilampos insones, era impelido às alturas por mães ratazanas e a coorte dos trêfegos ratinhos fiéis à Joana Simbiônica. Vislumbrei Joana Gordacha, felicidade-só, acomodada na carruagem, levitando... Joana Angélica ascendia rumo aos bosques aromáticos, aos rios cristalinos e às fontes límpidas do céu.

Arary da Cruz Tiriba

Membro da Academia de Medicina de São Paulo e Professor de Medicina

Ainda sobre Cinema

José Carlos Barbuio

Fomos, eu e meu filho, assistir ao filme *Cartas de Iwo Jima*, dirigido por Clint Eastwood (um mísero Oscar na categoria Efeitos Sonoros). Uma única sessão diária. Dentro da sala, apenas nós dois e um casal de namorados, pouco preocupados com o que se passava na tela. A meu ver, um dos dois melhores filmes de guerra já produzidos (o outro foi *Glória Feita de Sangue* — 1957 —, de Stanley Kubrick) e ninguém no cinema! Talvez a razão da pouca frequência esteja no fato do filme navegar contra a corrente de Hollywood de sempre enaltecer os feitos dos americanos. O filme também navega contra a atual política belicista do governo Bush. *Cartas de Iwo Jima* deverá se tornar referência no gênero filme de guerra junto com seu par, *A Conquista da Honra*. Este filme coroa uma singular carreira ascendente do diretor Clint Eastwood, que passou de astro caubói que foi nos anos 60 e 70 a um dos grandes “autores” do cinema contemporâneo.

É provável que no futuro esse impactante filme sobre aquela importante batalha da Segunda Grande Guerra, vista pelos olhos do derrotado (Japão), seja usado a exemplo de como um profissional de cinema pode mudar de posição e se tornar o oposto do que fora até então.

Especialmente emocionante é a cena dos soldados japoneses quando lêem em voz alta a carta de um soldado americano, morto na batalha. Ao ouvir as palavras pausadas de um intérprete, os japoneses reconheceram nela seus próprios sentimentos. As cartas encontradas nos bolsos dos soldados, quer fossem de americanos ou de japoneses, eram iguais na essência e na humanidade. Um grande filme! O melhor a que assisti nos últimos cinco anos! Sem exagero, infinitamente superior em *Os Infiltrados*.

José Carlos Barbuio
Advogado e escritor

Analogias em Medicina (n.16)

Dedos em baqueta de tambor — (Esp. *dedos en palillos de tambor*, fr. *doigts en baguette de tambour*, ingl. *clubbing of fingers, drumstick fingers*). Baqueta (ital. *bacchetta*) é pequena vara de madeira, mais grossa em uma extremidade, com que se percutem tambores. Em certas doenças, as extremidades dos dedos das mãos e dos pés (últimas falanges) apresentam uma dilatação globosa por aumento do tecido conjuntivo vascularizado e por edema da região subungueal, sem alteração óssea, dando-lhes a forma de uma *baqueta de tambor*. Este baqueteamento digital (BD), segundo os historiadores, foi reconhecido por Hipócrates, há 400 anos a.C., em casos de empiema e, por isso, é também denominado *dedos hipocráticos*. A patogênese desta alteração é ainda desconhecida, não obstante várias hipóteses formuladas. Uma hipótese postula que megacariócitos ou fragmentos dos mesmos escapariam ao filtrado dos capilares pulmonares e iriam impactar-se nas extremidades digitais devido ao padrão do fluxo local. Ocorreria então agregação e ativação plaquetária, com conseqüente liberação do fator de crescimento derivado das plaquetas (PDGF) e estímulo à produção de células do mesênquima e quimiotaxia para fibroblastos, células musculares lisas, neutrófilos e monócitos. Já foi demonstrada a presença de microtrombos plaquetários na rede capilar de dedos hipocráticos, dando suporte a esta teoria.

O hipocratismo digital é mais comumente visto em casos de carcinoma pulmonar, abscesso, empiema, bronquiectasia, fibrose pulmonar idiopática, metástase pulmonar, mesotelioma, MAV pulmonar, tumor de mediastino e mucoviscidose. Como o baqueteamento é mais freqüente em pneumopatias, é costume dizer que “o exame do tórax começa pelos dedos da mão”. Pode ocorrer também em cardiopatia congênita cianótica, endocardite bacteriana subaguda e em outras condições, como certas doenças do sistema digestório. Em geral, o BD associa-se a unhas arredondadas e elevadas semelhantes ao vidro de relógio (ingl. *watchglass deformity*). A cromatina sexual (corpúsculo de Barr) no neutrófilo também tem o aspecto de baqueta de tambor, como um pequeno lobo adicional no núcleo segmentado.

José de Souza Andrade Filho
Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Dúlio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra

José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sérgio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.